



ESCOLA MUNICIPAL “GENY GUIMARÃES DE OLIVEIRA”

**DIGITAIS AFRICANAS
ÁFRICA SUJEITO**

MATEUS LEME, MG

2023



Antonella Alves Amorim
Emily Batista Ribeiro
Lara Emanuele Gonçalves dos Santos

Júlia Antonia Pires

DIGITAIS AFRICANAS
ÁFRICA SUJEITO

Relatório apresentado à 7ª FEMIC - Feira
Mineira de Iniciação Científica.

Orientação da Prof. Júlia Antonia Pires.

Mateus Leme, MG

2023



RESUMO

O presente projeto visa chamar a atenção a respeito do ensino da história da África no currículo escolar, de uma África “SUJEITO” e não uma África “OBJETO”, para as diretrizes curriculares nacionais em prol das relações étnico-raciais e para o ensino de História e cultura afro-brasileira, africana e conflitos que atravessam as relações na escola e que igualam as diferenças e reproduzem o racismo. Estudos mostram que o acesso de alunos negros à escola e sua permanência nela, apresentam um caminho irregular principalmente pela evasão escolar. Cavalleiro (2010) diz que o olhar sobre o mundo e sobre si só, de cada indivíduo, é constituído a partir das relações que estabelece com seus pares. De acordo como Censo Democrático realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) o termo negro se refere à pessoas pretas ou pardas. Gomes (2005). É preciso entender a alegria através das cores, trabalhando a interdisciplinaridade e possibilitar diferentes estratégias que favoreceram a integração de saberes à aprendizagem das crianças. Quando uma criança se torna leitora, ela percorre por muitos caminhos, favorecendo a alfabetização, o letramento e a construção de novos saberes, como alguém capaz de resguardar seu mundo de fantasia acreditando que a leitura é a janela que se abre para conhecer os infinitos mundos, dentro e fora de nós mesmos, conhecendo as digitais africanas tendo a possibilidade de ouvir, sentir e ver, usando a imaginação através da confecção do livro Digitais Africanas através do “Projeto Estante Mágica.”

Palavras-chave: ÁFRICA, DIGITAIS AFRICANAS



SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 JUSTIFICATIVA	6
3 OBJETIVO GERAL	7
4 METODOLOGIA	8
5 RESULTADOS OBTIDOS	11
6 CONCLUSÕES OU CONSIDERAÇÕES FINAIS	12
REFERÊNCIAS	13



1 INTRODUÇÃO

“É preciso olhar tudo de novo, de vagar”. (Bosi, 1999, p.7)

O presente projeto visa chamar a atenção a respeito do ensino da história da África no currículo escolar, de uma África “SUJEITO” e não uma África “OBJETO”, para as diretrizes curriculares nacionais em prol das relações étnico-raciais e para o ensino de História e cultura afro-brasileira, africana e conflitos que atravessam as relações na escola e que igualam as diferenças e reproduzem o racismo. Estudos mostram que o acesso de alunos negros à escola e sua permanência nela, apresentam um caminho irregular principalmente pela evasão escolar. Cavalleiro (2010) diz que o olhar sobre o mundo e sobre si só, de cada indivíduo, é constituído a partir das relações que estabelece com seus pares. De acordo como Censo Democrático realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) o termo negro se refere à pessoas pretas ou pardas. Gomes (2005). É preciso entender a alegria através das cores, trabalhando a interdisciplinaridade e possibilitar diferentes estratégias que favoreceram a integração de saberes à aprendizagem das crianças. Quando uma criança se torna leitora, ela percorre por muitos caminhos, favorecendo a alfabetização, o letramento e a construção de novos saberes, como alguém capaz de resguardar seu mundo de fantasia acreditando que a leitura é a janela que se abre para conhecer os infinitos mundos, dentro e fora de nós mesmos, conhecendo as digitais africanas tendo a possibilidade de ouvir, sentir e ver, usando a imaginação através da confecção do livro Digitais Africanas através do “Projeto Estante Mágica” e este projeto não deve ser o fim, mas o início de uma prática constante no espaço escolar, sempre buscando a diferença, respeitando e resgatando as memórias da África, e que hoje se encontram ligadas na formação da sociedade brasileira e que pertencem a todos, sejam brancos ou negros.



2 JUSTIFICATIVA

O presente projeto visa chamar a atenção a respeito do ensino da história da África no currículo escolar, de uma África “SUJEITO” e não uma África “OBJETO”, contemplando suas digitais.

É preciso entender a alegria através das cores, trabalhando a interdisciplinaridade e possibilitar diferentes estratégias que favoreceram a integração de saberes à aprendizagem das crianças e entender que cada indivíduo é constituído a partir das relações que se estabelece com seus pares.



3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

- Despertar o interesse pela leitura e escrita através da criação de um livro físico africano, pintado através das digitais, baseado nas histórias aprendidas e estudos

3.2 Objetivos específicos

- Desconstruir a imagem negativa da África.
- Identificar as influências africanas na cultura brasileira.
- Proporcionar o contato com os livros.
- Respeitar e valorizar a cultura afrobrasileira.
- Reconhecer e valorizar a importância da cultura e do povo africano na formação da cultura e da identidade brasileira.
- Promover possibilidades de construção de identidade e harmonia às diversidades.
- Estudar sobre a cultura afrodescendente através de recursos didáticos, livros e histórias.
- Compreender que cada ser é único, tem sua cor e raça.



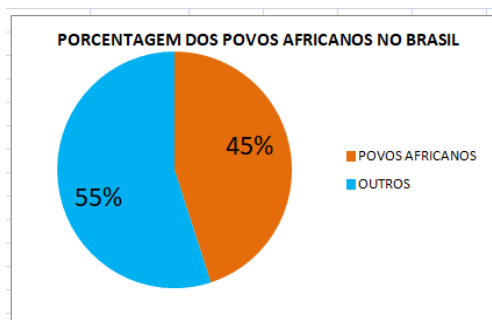
4 METODOLOGIA

O projeto deu início através de uma roda de conversa sobre a história Obax e Vogais Africanas. Os alunos, curiosos com a cultura africana, fizeram perguntas sobre o assunto e depois foi feito vários estudos com literaturas africanas. Diante disso percebemos a importância de trabalhar uma África Sujeito e não África Objeto e que era preciso fazer a reconstrução da história. Aprendemos que no Brasil existem 45% por cento de povos africanos e que a lei 10.639 de 2003 torna-se obrigatória a inclusão da história e cultura afro-brasileira e que estudos mostram que o acesso de alunos negros à escola e sua permanência, apresentam um caminho irregular principalmente pela evasão escolar. Vimos também que Pensamos sobre a grandeza de diversidade e beleza do continente africano e também que era preciso ouvir suas vozes por meio da beleza, pinturas, livros, culturas e instrumentos musicais. Através do livro Obax vimos as belezas das suas casas, pinturas, as cores e a árvore Baobá, suas belezas e formas, seus tecidos coloridos, os motivos dos padrões de pintura que enfeitam as casas, as roupas, os objetos de cerâmica e os reflexos da vida das comunidades e que exalam alegria através das cores. Criamos um caderno e os bonecos para que os alunos levassem para casa para fazerem os registros dos livros Vogais Africanas e Obax. Criamos bonecos africanos e as crianças juntamente com a sua família registraram no caderno as atividades. Foram estudadas várias leituras de livros africanos despertando o interesse das crianças. Foram mostradas imagens para desconstruir a imagem negativa da África, identificados as influências africanas na cultura brasileira e percebidos que devemos respeitar e valorizar a influência africana na cultura brasileira. Foi estudado o mapa do Continente Africano e vimos que tem 54 países, são falado mais de 2.000 línguas e que não existe uma identidade única africana, é um povo diverso. Percebemos também que não existe uma única religião africana mas diversos religiosidades da África. Pesquisamos sobre o Reino do Kongo e aprendemos que foi um dos maiores e mais importantes reinos da África Central tendo existido por mais de 500 anos e que a história desse reino foi marcado por relações comerciais com os portugueses que iniciaram em meados do século XV e o comércio envolvia principalmente comércio de escravos e marfim mas também tinham de armas e outros produtos como tecidos e diante a esse comércio de tecido fizemos o nosso mapa político do continente africano todo em tecido. Também os alunos aprenderam sobre o vulcão Kilimanjaro, que tem o



pico mais alto do mundo e ele está adormecido e fizemos a experiência do vulcão para observação sobre as correntes do ar. Juntamente com a professora foi criado o jogo Mancala, feito em madeira e também utilizamos grãos de feijões. Ele é o jogo de tabuleiro mais antigo do mundo, existindo pelo menos mais de 2.000 anos e aprendemos que significa transferir o movimento e que o jogo representava as plantações e as colheitas. Pesquisamos também os desenhos, os símbolos africanos Adinkras da casa de Obax, e aprendemos que representa um provérbio ou ditado ligado na sabedoria e no conhecimento dos povos. O símbolo escolhido pela turma foi Sankofa, que significa nunca é tarde para voltar e apanhar aquilo que ficou para trás. Aprendemos que o Acará é um nome africano dado a um peixe brasileiro. Foi criada uma horta na escola e plantamos as plantas medicinais vindas da África. Os alunos observaram na mesa de luz a folha de boldo e aprenderam sobre o seu valor medicinal. A turma juntamente com a professora criou uma letra de canção (música): “Somos Assim”, onde foi trabalhado corpo, gestos e movimentos e um gráfico onde cada criança se autodeclarou através das cores dos tons de pele, construindo uma imagem positiva de si. E para a culminância do projeto, os alunos criaram livros físicos africanos através dos conteúdos estudados para o dia do autógrafo onde será feito o lançamento da música.





IMAGENS-FONTES SALA DE AULA.



5 RESULTADOS OBTIDOS

A experiência foi gratificante, pois os alunos demonstraram interesse e engajamento na realização das atividades propostas. A leitura e a escrita são fundamentais para o aprendizado e tendo a professora como suporte, criando condições para os alunos, cada um, ouvindo, sentindo, vendo e tendo a possibilidade de um olhar diferenciado sobre a África, construindo novos saberes tirando todo estereótipo construído pelo mundo. Os alunos foram estimulados através das digitais africanas, produzindo cada um o seu livro utilizando os seus dedinhos (digitais) onde puderam registrar através das digitais com tintas, retratando que a África é um sujeito e não um objeto, é um lugar cheio de maravilhas e cores, é o berço da humanidade, fazendo o livro com todas as características marcantes africanas através dos livros didáticos estudados. Foi criado o jogo Mancala, o jogo africano de tabuleiro mais antigo do mundo com o objetivo de trabalhar a contagem dos números. Foi construída na escola uma horta, onde os responsáveis pelas crianças enviaram plantas medicinais oriundas da África, passadas de geração em geração, onde os alunos estudaram, através da mesa de luz sobre o Boldo. Através dos tecidos do comércio do Reino do Congo foi feito um mapa do continente africano onde cada criança teve sua contribuição e com a participação da professora, foi criada uma letra de canção (música): “Somos Assim”, onde foi trabalhado corpo, gestos e movimentos e um gráfico onde cada criança se autodeclarou através das cores dos tons de pele, construindo uma imagem positiva de si.





6 CONCLUSÕES OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto promoveu a interação dos alunos nas aulas e contribuiu com a escrita e a leitura. Foi percebido que alguns alunos necessitavam de estímulos e de estratégias inovadoras para possibilitar um maior aprendizado e que é possível trabalhar a diversidade na educação infantil a partir de literaturas e pesquisas africanas. A autoria das crianças também esteve presente na produção dos tons de peles e produção dos livros. Foi aprendido que o uso de plantas medicinais foi passado de geração em geração e que estudar as relações étnico-raciais vai além de instrumentos, danças, religiões... traços típicos das culturas africanas anteriores à diáspora. Pode ser mais enriquecedor refletir sobre como esses traços foram incorporados ao cotidiano de nossas ações, a ponto de causar surpresa quando são apontados como elementos estrangeiros. Pois, há muito tempo deixaram de ser estrangeiros para ocupar um lugar entre culturas. Sendo assim o trabalho aqui apresentado não deve ser o fim, mas o início de uma prática constante no espaço escolar, sempre buscando a diferença, respeitando e resgatando as memórias da África, e que hoje se encontram ligadas na formação da sociedade brasileira e que pertencem a todos, sejam brancos ou negros.



REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. "Plural, mas não caótico". In: Culturas Brasileiras. São Paulo: Editora Ática, 1999.

História geral da África, V: África do século XVI ao XVIII / editado por Bethwell Allan Ogot. – Brasília: UNESCO, 2010.

KAMEI, Maria Luiza Gilio Ferla. Metodologias para práticas de leitura nas aulas de português. Disponível em . Acesso em 30 de Set. 2023.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira. Brasília, DF, junho, 2005.

NASCIMENTO, E. L.; GÁ L. C., org. Adinkra: sabedoria em símbolos africanos. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

NEVES, André . Edtora Brink:Obax.2010.

PIRES, Júlia Antonia.VOGAIS AFRICANAS. Estante Mágica, 2022.

SOUZA, Marina de Mello e. África e Brasil Africano. São Paulo: Editora Ática, 2006.